

O OLHAR DAS IRMÃS FRANCISCANAS HOSPITALEIRAS SOBRE A FAMÍLIA RELIGIOSA

Cassandra Oliveira das Dores¹

Elaine Cristina Cartaxo Villas Bôas²

Elaine Pedreira Rabinovich³

RESUMO

O objetivo do artigo é conhecer a percepção das Irmãs Franciscanas sobre a família religiosa. O método utilizado foi estudo qualitativo com nove freiras da Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição (CONFHIC) em Salvador (BA), realizado no período de Dezembro/2016 a Janeiro de 2017. As freiras lúcidas e orientadas, as inseridas na família religiosa há mais de dez anos foram incluídas como informantes-chave. Foram excluídas as que apresentaram déficit cognitivo ao mini-exame do estado mental (MEEM) e as que não desejaram participar da pesquisa. Foi utilizado um questionário semiestruturado com questões relativas à relação das freiras com a família religiosa. Categorias: motivos de escolha para entrada na vida religiosa, o dote e família religiosa. A evidência da aceitação da família religiosa enquanto família é justificada por sentimentos diversos que englobam compartilhamento dos mesmos ideais, a responsabilidade recíproca e a realização de desejos individuais em servir o próximo. Os resultados indicaram a necessidade de desenvolvimento de novos estudos com olhar mais aprofundado sobre a temática.

Palavras-chave: Freiras. Relação familiar. Vocação.

1 INTRODUÇÃO

Ser freira significa transformar radicalmente uma vida comum enquanto mulher, abdicando hábitos cotidianos e uma cultura social. Os votos de pobreza, castidade e obediência à Igreja são exemplos que norteiam os novos hábitos das religiosas, tornando-se um desafio para as jovens ingressantes neste mundo monástico.

As Congregações são organizações próprias de ordem religiosa da Igreja Católica, onde se agrupam as freiras que, desde a restauração da instituição no Brasil, agregam funções com objetivos sociais, políticos e religiosos (ROSSI, 2006). As freiras também exercem trabalhos educativos em colégios, auxiliam crianças em orfanatos e idosos em asilos (NUNES, 1986), além de atuarem em pastorais, hospitais e em unidades de base (CUBAS, 2010).

¹ Fisioterapeuta, UCSAL, cassyoliver@hotmail.com.

² Mestre em Família na sociedade Contemporânea, UCSAL, elaine.boas@pro.ucsal.br.

³ Doutora em Psicologia Social (USP), UCSAL, elaine.rabinovicg@pro.ucsal.br.

A decisão de ingresso ao convento pode ser entendida por dois prismas distintos representados pelo projeto familiar (desejo dos genitores) e projeto individual (desejo das próprias religiosas). Como projeto individual, a jovem busca liberdade da família, ascensão social, prestação aos necessitados e fuga do matrimônio, ao abrigar-se numa ordem religiosa que proporcione uma vida mais realizada (GROSSI, 1995).

Para a família, o ingresso da filha na congregação protegia as riquezas familiares que, muitas vezes, se dissolviam com a exigência do dote (GROSSI, 1995), e impedia o casamento da jovem com um noivo de nível social inferior (SILVA, 2007). O celibato também era a garantia de que a jovem permaneceria imaculada e protegida naquele ambiente religioso.

A reação ao desejo da filha pela vocação religiosa era comumente hostil, principalmente porque essa vontade surgia na adolescência. Era de interesse da família que a jovem cuidasse dos irmãos menores e auxiliasse nos afazeres domésticos e trabalho rural. Esse impasse era resolvido parcialmente quando a filha atingia a maioridade ou o pai viúvo casava-se novamente (GROSSI, 1990).

Por outro lado, as jovens viam no ingresso à vida religiosa a oportunidade de exercer atividades diversas dentro e fora do convento (PIRES, 2015). Outras entendiam que aquela era a única opção viável para atender o desejo de autonomia e independência da família, disfarçado pela vontade de não casar (GROSSI, 1990).

Até se tornar freira, a jovem passa enfrentar uma caminhada religiosa que envolve Aspirantado, Postulantado, Noviciado e Juniorado. Em todas essas fases é mantido o contato com a família de origem, mas de maneiras diferentes. Durante o Aspirantado, a jovem visita com frequência a família e esse contato envolve uma relação da Mãe com a família. Na etapa seguinte, a Postulante vive um desligamento gradual da etapa anterior para se integrar à vida religiosa. É no Noviciado que as atividades profanas são abolidas e a Noviça inicia sua vida conventual. Na etapa do Juniorado ocorre a preparação da jovem para os votos perpétuos e, durante esses anos, o contato com a família é feito através de cartas e telefonemas, além do período de férias (GROSSI, 1990).

Há, neste processo de consagração, uma interação significativa entre as meninas, obedecendo uma hierarquia para propagar ensinamentos consumados em forma de treinamento. Esta relação permeia esta fase inicial já caracterizada por uma mistura de submissão e santidade, de homogeneidade e camaradagem. Importante salientar que as religiosas passaram por humilhações, provações e sofrimentos, igualando-se umas às outras para que fossem pertencentes à mesma comunidade (GROSSI, 1990).

A forma de associação a partir do sentimento de amizade, religioso ou outros, referente a uma comunidade, é a que mais se aproxima daquela que constitui uma família. Nela prevalecem as ligações pessoais, principalmente as de responsabilidade recíproca, tornando-se a família o modelo completo de comunidade (PERETTI; NOGOSEKE, 2009).

Compreender o que é uma vida consagrada, os motivos vocacionais, os processos até a chegada dos votos perpétuos, constitui uma relevância ao nível de conhecimento da construção da família religiosa. A percepção das freiras sobre a sua nova família ainda é um tema pouco abordado neste universo religioso. Para tanto, esta pesquisa servirá de base para futuras contribuições em estudos que contenham a relação deste tipo de família. Para tanto, o objetivo do artigo é conhecer a percepção das Irmãs Franciscanas sobre a família religiosa.

2 DESENVOLVIMENTO E APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

2.1 Método

Trata-se de uma pesquisa qualitativa realizada com freiras residentes no Convento Sagrada Família, situado no Alto do Bonfim, na cidade do Salvador-BA. Faz parte de um projeto maior intitulado “O olhar das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras sobre a relação com a família de origem e a família religiosa em Salvador-Ba” tendo como pesquisadores responsáveis Elaine Cristina Cartaxo Villas Bôas e Elaine Pedreira Rabinovich.

O Convento é uma instituição religiosa vinculada à Província de Santa Cruz, pertencente à Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição (CONFHIC). A Congregação foi fundada pelo padre Raimundo dos Anjos Beirão e pela Irmã Maria Clara do Menino Jesus em 03 de Maio de 1871, em Lisboa-Portugal, e no Brasil chegou em 1911. O convento em Salvador foi adquirido em 1938 e é considerado sede social da Província porque nela ocorrem as celebrações e o acolhimento para assistência à saúde das Irmãs de várias fraternidades (CONFHIC, 2011). Nesse convento residem atualmente 54 irmãs, a maioria idosa. Destas, seis integram a Cúria Provincial.

A CONFHIC é responsável pela supervisão e gerenciamento das atividades realizadas nos colégios, creches (Campina Grande e Salvador), hospitais (Sagrada Família e Português, Salvador - BA) e escola técnica de enfermagem, vinculados à instituição, além de trabalhos de evangelização em comunidades locais. Os colégios religiosos estão situados nas cidades de Mossoró (RN), Arapiraca (AL), Penedo (AL), Aracaju (SE), Estância (SE), Propriá (SE), Salvador (BA), Itabuna (BA). Já os trabalhos de atividades diversificadas são exercidos nas comunidades do Nuevo Laredo e San Agustín (México), Terra Santa (PA), Almofala (CE),

João Dourado (BA), Organização Fraternal São José (BA), Fazenda São Francisco - Amparo (BA), Escola Mãe Clara (BA) e na sede da própria congregação.

As freiras lúcidas e orientadas que residem no convento Sagrada Família e as inseridas na família religiosa há mais de dez anos foram incluídas como informantes-chave. Foram excluídas as religiosas que apresentarem déficit cognitivo ao mini-exame do estado mental (MEEM) e as que não desejaram participar da pesquisa.

O MEEM é um instrumento validado para o Brasil, utilizado para rastreio de déficit cognitivo. Compreende orientação temporal e espacial, registro e recordação de palavras, atenção e cálculo, linguagem e capacidade construtiva visual. O escore varia de zero a trinta pontos e o ponto de corte é definido de acordo com a escolaridade: 26 a 30 pontos - normal, sem déficit cognitivo para idosos alfabetizados, 24/25 pontos - sensibilidade a déficit cognitivo em idosos alfabetizados e 18/19 pontos - sensibilidade a déficit cognitivo para idosos analfabetos (LOURENÇO & VERAS, 2006).

A pesquisa foi realizada no período de Dezembro/2016 a Janeiro de 2017 e faz parte de um projeto maior intitulado “O olhar das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras sobre a relação com a família de origem e a família religiosa em Salvador-Ba” tendo como pesquisadores responsáveis Elaine Cristina Cartaxo Villas Bôas e Elaine Pedreira Rabinovich. A coleta aconteceu em um ambiente calmo e tranquilo, livre de ruídos, no próprio convento com frequência de duas vezes por semana, no turno matutino. A técnica empregada foi entrevista em profundidade (MINAYO, 2010) com base em um questionário semiestruturado, elaborado pelas autoras da pesquisa que contemplou a relação das freiras com a família religiosa. Foram questionadas sobre os motivos que as conduziram para vida religiosa, a determinação do dote e se as freiras consideram a família religiosa como família. Além disto, buscou-se conhecer o ano de entrada na vida religiosa, o ano dos votos simples e perpétuos, escolaridade e profissão com objetivo de traçar um panorama do público alvo. Após as entrevistas, foram identificados como núcleos de sentido: motivos de escolha para entrada na vida religiosa, o dote e família religiosa.

A entrevista ocorreu face a face com a entrevistada e gravada em um celular da marca NOKIA 630 e posteriormente transcrita na íntegra. Este tipo de análise vislumbra a interpretação de mensagens obscuras veladas no discurso (MINAYO, 2008). As entrevistas foram encerradas ao atingirem o ponto de saturação. As Informantes-chave assinaram um Termo De Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) de acordo com a Resolução nº 466 de Dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Ética em pesquisa envolvendo seres humanos e

a Instituição assinou a declaração de anuência. A pesquisa foi aprovada no comitê de Ética em pesquisas da UCSal sob parecer número 1.762.781 e CAAE 59943316.1.0000.5628.

2.2 Resultados e discussão

A percepção das Irmãs sobre a família religiosa remete a aceitação enquanto núcleo familiar, composto por laços afetivos que se sobressaem ao núcleo basal ou pela sua complementação, afirmados pelo processo da convivência, do compartilhamento do mesmo ideal, pelo cuidado com o outro e pela realização de desejos individuais. Para compreender esta percepção das informantes-chave sobre a família religiosa, fez-se necessário conhecer os motivos que a conduziram à vida religiosa, a determinação do dote para entrada na vida conventual e se a família religiosa pode ser considerada família. Mediante análise dos discursos, surgiram os seguintes núcleos de sentido: Motivos de escolha para entrada na vida religiosa; Dote; Família religiosa.

Durante o período de coleta, foram entrevistadas nove informantes chave. A média de idade variou de 50 a 90 anos. Em relação à escolaridade, cinco possuíam ensino superior, duas estudaram até o ginásio e duas até o 2º grau. Dentre as que possuíam nível superior, uma era assistente social, uma enfermeira, uma pedagoga, duas com formação em letras, sendo uma com especialização em psicopedagogia. As demais referiram como profissão ser religiosa. Em relação ao período de entrada na vida religiosa, três foram na década de 40, duas na década de 50, duas na década de 60, uma na década de 70 e a mais nova na década de 90. Quanto à ocupação atual, a maioria encontra-se aposentada por estarem idosas, mas exercem atividade no próprio convento: uma é secretária, outra é responsável pelo registro documental da instituição. As demais atuam na preparação de cânticos, organização da capela, trabalhos manuais.

No que diz respeito à idade em que houve o despertar para ser freira, oito informantes a evidenciaram. Uma referiu por volta dos 9-10 anos, três aos 13 anos, uma aos 15 anos, uma aos 17 anos, uma aos 18 anos e outra na vida adulta. Quanto às fases que compreendem o período de formação, oito entrevistadas iniciaram a formação religiosa no Postulantado e apenas uma no Aspirantado.

2.2.1 Motivos de escolha para entrada na vida religiosa

Ao serem questionadas sobre os motivos de escolha para entrada na vida religiosa, foram observados nas entrevistas que os projetos pessoais foram os propulsores iniciais para o

ingresso na Congregação. Estes projetos estavam ligados diretamente ao chamado, ao despertar para ser freira. Das nove freiras estudadas, oito referiram o chamado como uma convocação divina para seguir a vida religiosa. Uma das informantes definiu o chamado da seguinte forma:

“O chamado é a inspiração interior. Algo entre a alma e Deus. O chamado vem primeiro, depois o desejo de ser freira”. Informante Rosa

Para esta irmã, o despertar para ser freira ocorreu ainda na escola primária, por volta dos 9-10 anos. Nesta época, só conhecia freira em livros, nas histórias. Quanto mais o tempo passava sua vocação aumentava. Mas só pôde entrar no convento após concluir sua formação superior, pois, não se aceitava meninas muito jovens na Congregação.

Apenas uma Irmã expôs o desejo de ser freira para servir ao próximo e cuidar de crianças pobres na comunidade. Este foi o motivo principal do ingresso à Congregação, visto como único caminho para realização deste desejo.

“Olhe, eu gostava muito de criança. Gosto ainda, né? E quando eu decidi entrar na vida religiosa, o padre a quem eu falei perguntou ‘a senhora quer ser o que, quer ser damas, quer ser irmã de colégio ou quer ser irmã que cuida de crianças?’ Aí eu disse ‘quero ser como aquelas irmãs que cuidam das crianças do João Moura’ Informante Lírio

A vocação religiosa é um chamado para a vivência de um compromisso no Catolicismo. É a “entrega da própria vida a Deus”. Esta vocação é construída por várias vertentes que permeiam as condições sociais, laços afetivos e projetos pessoais e/ou institucionais, que não se restringe apenas a fatores religiosos ou metafísicos (CUBAS, 2007). Isto pode ser evidenciado no discurso seguinte:

“... Eu fiquei num banco olhando e não quis mais ir para o pastoril. Eu senti assim, que Deus me chamava para viver aquela vida dos frades, aquela vida de doação. Achei tão lindo aquilo... De ferir o coração. Preferi ficar pensando naquilo ali, e agradecendo a Deus porque estava me chamando para eu viver a mesma vida, aos 13 anos de idade.” Informante Gardênia

De acordo com Seidl, a vocação religiosa é composta por dimensões individual e coletiva durante o processo lento de transformações subjetivas, vivenciadas por estas mulheres que revelam a importância de ações conjugadas no espaço doméstico, na escola primária e na própria igreja pela família de origem e pelos agentes religiosos. Estes agentes religiosos tinham a finalidade de recrutamento dos jovens para a vida religiosa criando laços com famílias, geralmente com baixa escolarização.

A convivência com esses agentes, para uma das religiosas despertou o encantamento em ser pobre e a valorização da vida simples imersa na vida religiosa conforme conteúdo:

“Onde a gente morava, viviam os frades que vieram da Alemanha e se estabeleceram na nossa comunidade. E foi numa casa muito pobre que eles se localizaram e eles eram muito pobres, visitavam muitos pobres, comia na minha casa que era muito pobre. Uma vez dormiram até na minha casa, numa rede. Eram tão pobres e tão cheios de Deus, que aquilo me encantava” Informante Gardênia

Entretanto, para outra informante, sentir-se chamada por Deus para viver a vida religiosa não houve influência de agentes religiosos:

“Um dia eu estava sentada, tava uma nuvem escura e tinha uma represa na fazenda. Depois da cozinha pra lá agente via a represa. Aí eu disse assim: Jesus está do outro lado e eu vou, eu vou e a coisa queria. Não foi influenciado por ninguém. Senti no coração, foi o chamado”. Informante Begônia

Na concepção de Cubas, o chamado dentro da Instituição religiosa é uma vocação a qual necessita ser iniciada pela vontade de ser freira, ou seja, pela Animação Vocacional, que precede a etapa de formação das religiosas. Esta vocação, além de ser despertada, também é reforçada através de reuniões e acompanhamento àquelas que haviam se interessado por esta vida.

O estudo em questão constatou que a maioria das entrevistadas recebeu seu chamado na adolescência, mas, a idade em que ingressaram na Congregação variou dos 18 aos 32 anos. Neste período iniciaram as etapas de formação da vida religiosa. As jovens vocacionadas iniciaram a caminhada vocacional. Nesta Congregação, a caminhada compreende o Aspirantado, Postulantado, Noviciado e Juniorado quando então assumem os votos perpétuos (FREITAS, 1997). Contudo, a presença do Aspirantado é uma etapa que anteriormente à década de 90 não acontecia no convento da Sagrada Família. As futuras freiras iniciavam sua formação no Postulantado.

Para muitas jovens, afastar-se da família para seguir a vida religiosa configurava-se como uma opção de vida representada por campos de possibilidades, pois, através do chamado religioso, poderiam exercer tanto atividades no interior dos conventos como externamente (PIRES, 2015). Para outras, entrar no convento correspondia à “única opção conhecida e viável” para satisfação do desejo de autonomia e independência da família mascarado pela vontade de não casar (GROSSI, 1990).

Uma das informantes entrou tardiamente na vida religiosa, pois, no seu núcleo familiar os filhos eram criados para construir uma nova família, ou seja, vivenciar o casamento.

“Sei que não foi um desejo que me acompanhou desde a infância. Vivi as fases normais da adolescência, juventude e um bom tempo da fase adulta com os pensamentos normais de namoro e também casamento.” Informante Hibisco

Seu despertar foi diferenciado como revela seu depoimento:

“Participei de grupo de jovens na comunidade, lia livros católicos dentre os quais destaco uma revista Católica que trazia além de alguns artigos religioso várias propagandas vocacionais com convite para uma experiência na vida religiosa. Outro fato que me marcou foi o filme Irmão Sol Irmão Lua que assisti casualmente pela tv... assim um dia que não sei precisar a data senti o desejo de ser religiosa consagrando-me a Deus para servi-lo no acolhimento de irmãos e irmãs necessitados a exemplo de Francisco e Clara de Assis. Para isso busquei uma Congregação Franciscana que me acolheu e compreendeu as minhas motivações. O motivo principal que me trouxe a vida religiosa foi ser instrumento de Deus em um estilo de vida diferente que favorecia uma maior aproximação as pessoas que necessitavam de amor e acolhimento- crianças, jovens e idosos marginalizados”. Informante Hibisco

O fato de querer cuidar de pessoas em situação de marginalização, de exclusão, de vivenciar trabalhos na comunidade, para esta Irmã, só foi possível pelo fato de estar inserida em uma Congregação de Vida de Ativa, ou seja, um modelo de vida conventual com projeto de atuação social diferenciando-se da vida em clausura.

2.2.2 Dote

Para uma jovem ser freira e ingressar numa Congregação era exigido o dote. Tratava-se de um investimento dado em espécie pelo pai da futura freira. Na visão paterna, era um pagamento pela parte da herança familiar à filha e, na visão da Congregação, seria como uma triagem do número excessivo de ingressantes. Grossi evidenciou que houve uma transformação neste modelo simbólico, pois, o dote passou a ser direcionado às despesas com escolarização e alimentação das candidatas na vida inicial (GROSSI, 1990). É importante ressaltar que quando as informantes foram questionadas sobre a exigência do dote foi revelado que cada família ofertava o que fosse possível dentro das condições financeiras. O discurso seguinte revela tal assertiva:

“Minha família não tinha posses largas assim. O dote que eu trouxe foi meu fundo de garantia. Como eu já trabalhava e tinha o fundo de garantia, então combinou com as Irmãs, aí, retirou o fundo de garantia e entregou.” Irmã Rosa

Além do dote era necessário que a jovem levasse o enxoval. Este representava uma alusão ao matrimônio (GROSSI, 1990), pois, a entrada na Congregação também era um casamento com Jesus, simbolizado pelo uso de aliança após profissão dos votos, que se materializa em uma família de mulheres (GROSSI, 1990; CUBAS, 2007). Os próximos depoimentos retratam esta questão.

“Se a pessoa tivesse condição trazia, não exigia quantidade, exigia o enxoval. Enxoval eu trouxe todo. Agora a importância em dinheiro não foi exigida”. Informante Bromélia

“O dote é aquilo que quando a menina tem o dote, alguma renda. Eu não tinha, minha família era pobre. Eu tinha aquilo que meu irmão arrumou, enxoval que a gente chama, de tudo, de tudo, entendeu?!” Informante Begônia

Foi observado no discurso de uma das informantes que a família era muito pobre, não tendo condição para o dote e nem para o enxoval. No entanto, a jovem estava tão determinada em entrar na Congregação que conseguiu o enxoval:

“Não tinha dinheiro! Mamãe dizia: se for por dinheiro você não vai!! Mas, a Madre do colégio Sagrado Coração de Maria assumiu tudo: a roupa, as coisas todas que a gente precisava. Quem tinha trazia, quem não tinha aceitava sem o dote”. Informante Gardênia

Para outra informante, o dote foi interpretado como possibilidade de prestígio, de melhor tratamento. No entanto, não foi encontrado na literatura autores que abordassem este ponto de vista assim como o valor pago.

“Era quem tinha trazia. Então era aí a disputa da gente. Quem tinha dote o povo pensava que ia ser mais bem tratada que às vezes a gente via, às vezes...”. Informante Begônia

A obscuridade quanto ao valor pago, revelou-se como uma problemática no estudo de Grossi. Ao entrevistar aspirantes, de origem camponesa, percebeu-se a não espontaneidade em falar sobre o dote. Era como sua vocação fosse desmerecida ao se falar em dinheiro (GROSSI, 1990). Vale ressaltar, que as irmãs participantes do atual estudo ingressaram na vida religiosa entre os anos de 1944 a 1998 e não tiveram restrição em falar sobre esta temática. Apenas não sabiam explicitar valores porque eram provenientes de famílias humildes.

2.2.3 Família religiosa

Quanto à impressão das Irmãs Franciscanas sobre a família religiosa, foi encontrada aceitação da constituição deste novo núcleo sob a consciência de laços afetivos que sobressaem aos da família de origem e sobre a percepção do novo núcleo religioso ser uma complementação à sua família de origem. De acordo com Cubas, a profissão na Congregação resultava em uma série de escolhas e compromissos, a idéia de família era alterada e passava a ser composta por novas irmãs (CUBAS, 2007).

As ligações pessoais, essencialmente as de responsabilidade recíproca, onde cada ser é insubstituível, prevalecem na associação como comunidade que mais se aproxima daquela que constitui a associação família. Essa forma de associação pode referir-se às comunidades que brotam pelos sentimentos religiosos, de amizade ou outros (PERETTI, 2009). Foi

relatado por uma irmã este sentimento de pertencimento familiar na congregação em que vivia:

“Porque a gente vive o mesmo ideal, embora tenha algumas que fogem disso aí, mas acho que quem foge, não recebeu o que eu recebi... Às vezes os laços são tão fortes que parece mais forte do que a da família. Tem Irmã que a gente sente muito irmãs mesmo, afinidade grande”. Informante Hibisco

A família, enquanto realidade simbólica, proporciona uma gama de experiências, das quais o indivíduo extrai elementos de identificação como ser humano. A partir desse momento, quaisquer ações ou processos naturais que ele sofra (nascer, amar, trabalhar, adoecer, envelhecer, morrer), encontrará um significado mais adequado quando realizados no contexto das relações familiares (PETRINI, 2009). Para Petrini, estar em família significa viver as relações familiares, pois proporciona o crescimento da identidade social de cada indivíduo. Trata-se de uma rede de solidariedade e valorização dos vínculos de pertencimento.

[...] acolhimento gratuito e incondicional caracterizam as relações familiares” (Petrini, 2009, p. 112).

A religiosa quando chega à Instituição (Congregação), carrega em si a concepção de si mesmo, formado em seu mundo doméstico. Essa concepção é desconstruída ao longo da consagração. Começam as mudanças nas crenças que têm a respeito de si e do outro. Assim, quando o voluntário escolhe o ingresso, ocorre um natural afastamento do seu mundo doméstico e, em seguida, esse vínculo é cortado pela instituição (GOFFMAN, 2010). Em contrapartida, as Irmãs Franciscanas Hospitaleiras perpetuam o contato entre si e com sua família de origem. Observa-se em uma das falas a manutenção desta relação:

“A família religiosa é uma complementação da minha família”. Informante Rosa

Grabois, na sua análise sobre uma das teorias de Foucault, citou o processo de desenvolvimento do cuidado de si mesmo para a importância do cuidado do outro, integrado também nas práticas religiosas a partir do estabelecimento do cristianismo. “A cultura de si é colocada a serviço de um poder pastoral, na medida em que o cuidado de si se transforma em cuidados dos outros” (GRABOIS, 2011). Em concordância Martínez de Soria, afirma que a família apresenta funções como cuidado, socialização e educação, condições necessárias para o desenvolvimento humano e é considerada a unidade básica da sociedade.

Neste contexto, para outra informante, a família religiosa é percebida como uma segunda família sendo enfatizada a questão do cuidado de umas com as outras como ponto determinante para sentir-se pertencente a este núcleo secundário:

“Considero minha segunda família. Porque a gente fica dia e noite aqui, né! Tudo que a gente precisa é a família religiosa que dá, a comunidade que a gente está, a superiora, se não tem condição vem pedir socorro aqui à provincial. Então, eu sinto como minha família”. Informante Gardênia

Assim, a família forma uma rede de solidariedade, podendo oferecer cuidados aos seus membros diante de alguma incapacidade temporária ou permanente, quando o atendimento específico público ou privado tornam-se inacessíveis. A família passa, então, a ter um significado de proteção, onde as relações familiares e os vínculos de pertencimento valorizados ajudam a enfrentar situações adversas, compondo recursos para a pessoa “nos mais diversos aspectos de sua existência” (PETRINI, 2009).

Outro ponto a ser considerado foi o relato de uma informante que ressaltou a importância dos estudos proporcionados dentro da instituição e enalteceu os sentimentos de gratidão e realização diante das experiências que lhe foram dadas.

“É sim. Oxente, é aqui que eu vivo. Aqui que elas me deram muito e cada dia agradeço. Estudo, tanta coisa que eles me deram. Fiz um curso de um ano de espiritualidade Franciscana em Petrópolis. Fui a Portugal, fui na Itália, muita coisa boa. E os estudos de freira, de religião, de profundidade, isso tudo é minha maior riqueza. Eu gosto quando a madre me manda trabalho pra gente fazer, me renova, isso é renascer todo dia”. Informante Begônia

Dentro da vida comunitária, a educação dos sentimentos, adquirida ao longo dos anos, fazia-se necessária e era alcançada através de retiros e estudos de autoconhecimento. Esta educação objetivava a consciência do outro através de si mesmo (CUBAS, 2007).

A pesquisa apresentou como vantagens a viabilidade de acesso ao campo de estudo, a convivência prévia da pesquisadora principal com as Irmãs e a relação de confiança estabelecida ao longo deste tempo. Contudo, a escassez de estudos que se aprofundaram no relacionamento da família religiosa enquanto família foi a principal limitação deste estudo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui apresentado procurou compreender como as freiras percebem a família religiosa além de conhecer os motivos estabelecidos para ingressar na vida consagrada e a questão do dote. Esta tríade evidenciou a complexidade do processo para ser freira. Ressalta-se que o motivo de escolha mais presente foi “o chamado” enquanto vocação, e que para a maior parte das informantes representou uma visão divina que ocorreu durante a adolescência.

Já em relação ao dote é importante salientar que a existência não se dava apenas como financiamento das despesas a que se destina, mas também como um simbolismo que remete ao matrimônio com Jesus. Foi constatado durante a pesquisa a flexibilização do valor a ser

dados até a inexistência dele, devido às condições financeiras deficitárias dos pais naquele momento e pela falta de conhecimento por parte das freiras, o que prejudicou um maior aprofundamento sobre esta variável.

A evidência da aceitação da família religiosa enquanto família é justificada por sentimentos diversos que englobam compartilhamento dos mesmos ideais, a responsabilidade recíproca e a realização de desejos individuais em servir o próximo. A partir da associação dos seus membros pelos sentimentos de gratidão, amizade, sentimento religioso e responsabilidade, criou-se uma base estruturada de ligações pessoais denominada família religiosa. No entanto, apesar de existir uma gama de literatura voltada para vida consagrada, há uma escassez de artigos que aprofundem sobre a família religiosa enquanto família. Desta forma faz-se necessário o desenvolvimento de novas pesquisas com um olhar mais apurado para esta temática.

REFERÊNCIAS

CUBAS, C. J. O corpo habituado. Sentidos e sensibilidades na formação das irmãs da Imaculada Conceição. 2007. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/90817>.

CUBAS, C. J. Articulações entre o campo religioso e o trabalho profissional com a saúde na congregação das irmãs da imaculada conceição. **Revista Brasileira de História das Religiões ANPUH**, Ano III, n. 7, mai. 2010.

FREITAS, Ir M. I. Caderno para a renovação da CONFHIC: Formação da IFHIC. **1º Encontro Internacional de Formadoras**. Portugal, 1997. p. 1-125.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010. p. 13-49.

GRABOIS, P. F. Sobre a articulação entre cuidado de si e cuidado dos outros no último Foucault: um recuo histórico à Antiguidade. **Ensaios filosóficos**, Rio de Janeiro, v.3, p.105-120, 2011.

GROSSI, M. P. Jeito de Freira: Estudo Antropológico sobre Vocação Religiosa Feminina. **Cad. Pesquisa**, São Paulo, n.73, p. 48-91, maio 1990.

GROSSI, M.P. Conventos e celibato entre camponesas do sul do Brasil. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, n. 7, p. 47-60, 1995.

LOURENÇO R.A.; VERAS R.P. Mini-exame do estado mental: características psicométricas em idosos ambulatoriais. **Rev. Saúde Pública**, v. 40, n. 4, p.712-719, 2006.

MARTÍNEZ DE SORIA, A. B. La identidad de la familia: un reto educativo. Pontificia Universidad Católica de Valparaíso Perspectiva Educacional. **Formación de Profesores Enero**, v. 55, n.1, p. 114-128, 2016.

NUNES, M. J. F. R. Prática político-religiosa das congregações femininas no Brasil- uma abordagem histórico-social In AZZI, R.; BEOZZO, J.O. (Orgs). **Os religiosos no Brasil: enfoques Históricos**. São Paulo: Paulinas, 1986. p.188-217

PERETTI, C.; NOGOSEKE, E. Vínculos afetivos e relações familiares sob o prisma da empatia. In: SANCHES, M. A. (Org.) **Congresso de Teologia da PUCPR**, 9., 2009, Curitiba. **Anais eletrônicos Congresso de Teologia da PUCPR**. Curitiba: Champagnat, 2009. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/congressoteologia/2009>.

PETRINI, G. Significado social da família. **Caderno de Arquitetura e Urbanismo**, v. 16, n. 18-19, p. 111-122, 2009.

PIRES, J. A. As freiras e suas trajetórias: Vida religiosa e processo histórico. Unesp-Faculdade de Filosofia e Ciência, Marília. FAPESP. Sessão de Comunicações Científicas, 2015.

ROSSI, M. P. S.; INÁCIO FILHO, G. As Congregações Católicas e a disseminação de escolas femininas no triângulo mineiro e alto Parnaíba. **Histedbr**, n. 24, p. 79-92, dez., 2006.

SEIDL, E. Sociologia da vocação religiosa: reprodução familiar e reprodução da Igreja. **Sociologias**, v.14, n.29, pp.214-238, 2012.

SILVA, M. B. N. da. Punida e insubmissa: Escândalo no Convento da Lapa em Salvador. **CLIO - Rev de Pesquisa Histórica**, n. 25-1, p. 11-30, 2007.